

MANUEL SIMÕES
Università di Venezia

Pablo Neruda: *A Lâmpada marinha*

I

O PORTO
COR DE CÉU

Quando tu desembarcas
em Lisboa,
céu celeste e rosa rosa,
estruque branco e oiro,
pétalas de ladrilho,
as casas,
as portas,
os telhados,
as janelas
salpicadas do oiro do limão,
do azul ultramar dos navios.
Quando tu desembarcas
não conheces,
não sabes que por detrás das janelas
escutam,
rondam
carcereiros de luto,
retóricos, severos,
empurrando presos para as ilhas,
condenando ao silêncio,
pululando
como esquadras de sombras
sob janelas verdes,
entre montes azuis,
a polícia
sob as outonais cornucópias
buscando portugueses,
raspando o solo,
destinando os homens à sombra.

II

A CÍTARA
OLVIDADA

Ó Portugal formoso,
cesta de fruta e flores,
emerges
na margem prateada do oceano,
na espuma da Europa,
com a cítara de oiro
que te deixou Camões,
cantando com doçura,
espargindo nas bocas do Atlântico
teu tempestuoso odor vinícola,
de flores marinhas
tua luminosa lua entrecortada
por nuvens e tormentas.

III

OS PRESÍDIOS

Porém,
português do povo,
aqui entre nós
que ninguém nos ouve,
sabes
onde
está Álvaro Cunhal?
Reconheces a ausência
do valente
Militão?
Rapariga portuguesa,
passas como que bailando
pelas ruas
rosadas de Lisboa,
porém
sabes onde caiu Bento Gonçalves,
o português mais puro,
a honra do teu mar e da tua areia?
Sabes
que existe
uma ilha,
a Ilha do Sal,
e que nela o Tarrafal
derrama sombra?
Sim, sabe-lo bem, rapariga,
rapaz, sim, sabe-lo bem.
Em silêncio
a palavra
anda com lentidão mas percorre
não só Portugal, também a terra.
Sim, sabemos,
em remotos países,
que há já trinta anos
uma lápide
espessa como túmulo ou como túnica
de clerical morcego,
afoga, Portugal, teu triste trinar,
salpica a tua doçura
com gotas de martírio
e mantém suas cúpulas de sombra.

IV

O MAR
E OS JASMINS

Da tua mão pequena, noutra hora,
saíram criaturas
avulsas
no assombro da geografia.
Assim voltou Camões
p'ra te deixar um ramo de jasmins
que continuou a florescer.
A inteligência ardeu como uma vinha
de transparentes uvas
na tua raça.
Guerra Junqueiro entre as ondas
deixou cair seu trono
de liberdade indómita
que transportou o oceano no seu canto,
e outros multiplicaram
o teu esplendor de roseiras e uvas
como se do teu estreito território
saíssem grandes mãos
derramando sementes
por toda a terra.

E, no entanto,
o tempo te enterrou.
O pó clerical
acumulado em Coimbra
caiu no teu rosto
de laranja oceânica
e cobriu o esplendor da tua cintura.

V

A LÂMPADA
MARINHA

Portugal,
volta ao mar, a teus navios,
Portugal, volta ao homem, ao marinheiro,
volta à tua terra, à tua fragrância,
à tua razão livre no vento,
de novo
à luz matutina
do cravo e da espuma.
Mostra-nos o teu tesouro,
teus homens, tuas mulheres.
Não escondas mais o rosto
de embarcação valente
posta na vanguarda do Oceano.
Portugal, navegante,
descobridor de ilhas,
inventor de pimentas,
descobre o novo homem,
as ilhas assombradas,
descobre o arquipélago no tempo.
A súbita
aparição
do pão
sobre a mesa,
a aurora,
descobre-a tu,
descobridor de auroras.

Como é possível?
Como podes negar-te
ao ciclo da luz, tu que mostraste
caminhos aos cegos?

Tu, doce e férreo e antigo,
angusto e amplo pai
do horizonte, como
podes fechar a porta
às novas uvas
e ao vento com estrelas do Oriente?

Proa de Europa, busca
na corrente
as ondas ancestrais,
a marítima barba
de Camões.
Rompe
as teias de aranha
que cobrem teus fragrantos mastros,
e então
a nós, filhos de teus filhos,
aqueles para quem
descobriste a areia
até então obscura
da geografia deslumbrante,
mostra-nos que podes
atravessar de novo
o novo mar obscuro
e descobrir o homem que nasceu
nas maiores ilhas da terra.
Navega, Portugal, a hora
chegou, levanta
a tua estatura de proa
e entre as ilhas e os homens volta
a ser caminho.
Agrega nesta idade
a tua luz, volta a ser lâmpada:

aprenderás de novo a ser estrela.